

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO  
ESTRANGEIRO

## ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porto
Anno ou 24 numeros .....	25000	Trimestre ou 6 numeros .... 8050
Semestre ou 12 numeros .....	12500	N.º avulso ou pago a entrega 2120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros .....	35000	Semestre ou 12 numeros .... 17500

3.º ANNO—VOLUME III—N.º 58

15 DE MAIO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORRETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica occi-  
dental, GUILHERME D'AZE-  
VEDO—A morte da Agula.  
LUIZ GUIMARÃES—Viagens  
dos srs. Hermenegildo  
Capello e Roberto Ivens  
na Africa Equatorial,  
ALBERTO DE CERVAES—  
As dobras gravuras—  
Thackeray em Lisboa,  
ALBERTO TELLES—De  
Buenos Aires á Pampa,  
FRANCISCO D'ALMEIDA—  
Actualidades scientifi-  
cas, locomotiva electri-  
ca de Siemens, FRANCISCO  
BENEVIDES—Bibliogra-  
phia.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL

**GRAVURAS.** — Exposição  
da Sociedade Promoto-  
ra de Bellas-Artes em  
Portugal, D. Ignez de  
Castro, estatua de Si-  
mões d'Almeida—Pais-  
agem tomada na char-  
neca de Bellas, ao pôr  
do sol, quadro de Silva  
Porto—Cabo de Espi-  
chel, Antigo deposito  
de agua, Entrada do si-  
tio do Cabo e igreja,  
Antiga ermida do mi-  
lagre da Senhora do Ca-  
bo—Interior do depo-  
sito da agua e fonte—  
Viagens de exploração  
á Africa Equatorial, Co-  
mo o rio Quango é no  
Quicoo—Caça ao corco-  
dillo no Cunene—A lo-  
comotiva electrica de  
Siemens—Corte longi-  
tudinal da locomotiva  
electrica—Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Maio é o mez das  
flores. Esta circum-  
stancia, que me devia  
ter occorrido na chro-  
nica passada, ocorre-  
me simplesmente ago-  
ra, a proposito, creio  
eu, de, por em quanto,  
a respeito do grande  
epico e das festas do  
centenario, haver de  
menos em obras o que  
ha de mais em flores  
de rhetorica.



D. IGNEZ DE CASTRO — Estatua em marmore, de Simões d'Almeida, pertencente á sr.ª Duquesa de Palmella

(Segundo uma photographia do sr. H. Nunes)

Entretanto eu sou  
dos que tem fé: no  
entusiasmo civico e dos  
que acreditam que elle  
ha de acordar no dia  
em que nos propomos  
a celebrar uma glorio-  
sa data. Para o accen-  
der basta accender bas-  
tante gaz, e parece-me  
que ninguem está dis-  
posto a regatear este  
elemento ás festas do  
centenario.

— Em quanto não  
chega o dia 10 de ju-  
nho, a cidade arrasta  
conforme pôde a attri-  
bulada vida, da sem-  
saboria para o Coliseo  
e do Coliseo para a ca-  
ma. Entretanto, como  
o empresario Amann  
é arrojado nas suas  
concepções! Sem ser  
imperador romano—  
por em quanto;— sem  
dispôr do dominio do  
mundo, unicamente  
auxiliado pela sua fan-  
tasia e por uma bro-  
xa, levanta n'uma noi-  
te o colosso que ainda  
projecta a sua negra  
sombra na noite das  
Edades!

É certo que o Coli-  
seo de Lisboa é apenas  
um fac-simile reduzi-  
do, nem a calçada do  
Salitre comporta mais;  
entretanto elle já tem  
as dimensões sufficien-  
tes para dar á baixa  
uma idéa do que pôde  
ser o original.

Não pensemos toda-  
via que todos sejam  
propensos ás facéis ad-  
mirações. Do grande  
amphitheatro romano  
ouvi eu ainda não ha  
muito o seguinte juizo  
a um nacional consp-  
cua que voltava de  
uma viagem á cidade  
eterna.

— Já sei que foi a  
Roma. Então que tal  
lhe pareceu o Coliseo!

— Bonito edificio! É  
uma pena não estar  
acabado.

O Coliseo de Lisboa  
não tem este inconven-  
iente: está comple-

tamente acabado e offerece ao publico espectaculos mais apaziveis do que os presenciados por Nero. Ainda ha tres dias, por exemplo, lá se estrejou Paulo Sarasate a quem o cartaz chama o *primeiro violinista do mundo*, mas ao qual, na verdade, se pode chamar um semi-deos do violino.

Nunca um *stradivarius* celebre alcançou em Lisboa o triumpho alcançado pelo de Sarasate. Nunca n'este seculo a cidade presenciou triumpho mais honesto e mais legitimo! Porque uma prima-dona quando subjuga as multidões, emprega mil meios insidiosos para conseguir a victoria. A meiguice, os gestos enleçados, algum talento, a poesia do libereto, as crispções dos dedos, as fulminações do olhar, o prestigio da belleza e ás vezes — alguma voz. Paulo Sarasate é só. Elle e uma pobre rebecca, muito inferior em seducções, pelo que diz respeito ao aspecto, a qualquer *diva* de refugio.

E assim vimos como elle, dispondo d'estes elementos estranhos; uma symphonia de Mendelssonh, que faz dormir tanta gente, e um instrumento de corda que faz enraivecer tanto mortal, conseguiu tirar da pederneira que tantas vezes se abriga na alma popular o raio das grandes commoções!

Em poucas palavras. Quando Sarasate tocava um andante de Mendelssonh, sentia-se manifestamente gemer dentro do seu *stradivarius* o anjo das supremas melancolias. Depois tocando o *Fausto*, ouvia-se lá dentro a gargalhadinha seca de Mephistopheles.

Os estes dois sores habitam em boa camaradagem n'aquelle instrumento magico, e então Sarasate é um bruxo, ou não habitam e elle então é o semi-deos que já lhe chamei, com licença dos outros semi-deuses que por cá apparecem de quando em quando.

N'este momento assistimos a uma lucta briosa entre os arruamentos da cidade, que até certo momento manifestaram uma indifferença enervante pela memoria de Camões, mas que se vão agora possuindo de uma nobre emolação pelos esplendores das ruas e calçadas suas rivaes. A rua Nova do Almada não pôde consentir que a rua do Oiro lhe leve a palma em devoção civica, e contrapõe-lhe aos renques de luz, colchas de damasco. O largo das Duas Igrejas medita já em coretos de musica, e tudo nos leva a crer que algum pensamento arrojado preoccupa n'este momento a rua Nova do Carmo. As festas do centenario serão pois um desmentido aos scepticos e aos *blasés* que suppunham o espirito publico inteiramente adormecido. É verdade que o sublime epico devera esta consagração mais á rivalidade das freguezias do que ao conceito que os differentes bairros formam dos *Luziadas*, isso entretanto pouco importa e não ha de ser elle que depois de tres seculos de esquecimento se lembre agora de suspeitar da nossa boa fé.

Entretanto uma grave questão preoccupa o nosso mundo musical. Ao passo que a commissão dos festejos vacila entre uma *ode symphonica* e um *hymno marcial*, sem saber a qual dar a preferencia, temendo com a regeitação do *hymno* offender o sentimento phylarmonico do paiz, um maestro distincto promptifica-se a organisar um canto *orpheonico* para as festas do centenario, lembrança que a alguns parece tão estranha como aquella que já foi aventada n'um jornal, dos bardos portuguezes no dia 10 de junho sahirem o Tejo, indo sobre as aguas do Oceano recitar alternadamente as estrophes dos *Luziadas*.

Se ha coisa para que o espirito publico entre nós seja innapto é para os *orpheons*, que exigem a disciplina harmonica que nos falta em todas as manifestações, — na politica e na musica. A conseguir portanto o maestro Frondoni que duzentas vozes se harmonizem n'um unisono, não lhe deveremos nós entregar a suprema direcção da nossa sociedade, encarregando-o de realisar na moral social e politica, o milagre que conseguiu na musica?

É preciso irmos meditando n'este caso até ao dia 10, se bem que haja quem supponha que a recitação ao som da vaga nas aguas da barra é mais possivel do que um cõro sem

acompanhamento, ás brizas do Passeio Publico.

— Se a leitora ainda a estas horas não leu o livro de Alberto Braga, a que me referi na ultima chronica, fez de certo muito mal porque os *Contos d'Aldeia* constituem a mais adoravel colleção de narrativas de que eu ha muito tenho noticia. Dos *Contos da minha lavra* a este livro vae um grande caminho andado. Alberto Braga acentuou difinitivamente a sua individualidade, e hoje, na posse da sua maneira, auxiliado por um bello estylo, pode julgar-se entre nós um contista unico, um miniaturista da prosa como não conheço muitos.

N'um bello folhetim que Bernardo Pindella, escreveu a respeito do author dos *Contos d'Aldeia*, folhetim que provoca n'este momento na imprensa uma polemica apazivel, apparece perfeitamente bem desenhado o perfil de Alberto Braga, que só por si, sem necessitar de escrever, com o unico instrumento da palavra fallada, sem artificios nem galas de estylo, é o narrador mais interessante que se pode encontrar. Volumes como os *Contos d'Aldeia* faz elle um cada semana, esbanjando-os pelo seu caminho com a despreocupação de quem tem uma mina de perolas e não se preocupa em levantar as que lhe vão caíndo.

Possue a pontinha do romantismo necessario para que os seus contos não tenham a aridez das paisagem desoladas; mas, verdade verdade, do romantismo glorioso Alberto Braga não guarda intactos os processos, guarda simplesmente uma capa.

A personalidade do artista é que determina essencialmente a arte, diz um critico eminente e moderno. Alberto Braga é uma confirmação d'esta verdade. Os *Contos d'Aldeia* são uma obra inspirada pelo meio em que o artista se encontrou n'um dado momento, e se n'este livro se respira desde a primeira á ultima pagina a beatitude das coisas honestas e sinceras, não quer isto dizer que Alberto Braga amanhã no seu livro já annuciado. *As Affinidades Pathologicas* não tenha algumas d'essas *demasias* com que hoje Flaubert e Zola encham de indignação os seus contradictores.

Fallei em Flaubert! Os jornaes francezes dão-nos a noticia de ter morrido o valente romancista de *Madame Bovary*, d'aquelle livro que, chamado á policia correccional pelo segundo imperio, tem já agora de ficar immortal como documento d'uma epocha chamada por sua vez á policia correccional da historia.

Emfim leitores, leiam os *Contos da Aldeia*, O *Gallo Preto*, a *Volta das Andorinhas*, *Está no Céu*, e tantas outras delicadas miniaturas encerradas n'este volume e digam-me se é possivel obter effeitos mais flagrantés por processos mais simples!

D. Maria II deu-nos os *Burguezes de Pontarcy* de Sardou, excellente obra theatral, trabalhada com aquella arte com que o assignalado dramaturgo se sabe impôr á ingenuidade das platéas. Mais um mez e os theatros de Lisboa repositarão em fim das lides do inverno. Ficam-nos os passatempos ao ar livre: a briza respirada a largos pulmões á beiramar, e a somnolencia com grandes abrimentos de bocca no Passeio Publico.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## A MORTE DA AGUIA

A bordo vinha uma aguia. Era um presente  
Que um potentado, — um certo rei do Oriente,  
Mandava a outro: — um mimo soberano.  
Era uma aguia real. Entre a sombria  
Grade da jaula o seu olhar luzia,  
Profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do barco ella curvava  
Ao niveo collo a fronte que scismava...  
E enquanto as ondas turbidas gemiam  
Ao som do vento — em lugubres lamentos,  
Ella pensava nos longinuos ventos  
Que do Hymalaia os pinacros varriam.

Fôra uma infame e traiçoeira hala,  
Que do regio fuzil negra vassalla,  
Invisivel — uma aza lhe partirá:  
Cheia de luz, tranquilla, magestosa,  
Dobrando a fronte branca e poderosa,  
Aos pés de um rei a aguia real cahira.

Os bonzos vis, propbeticos doutores,  
Sondando-lhe a ferida e as cruas dores,  
Que um venenoso balsamo tentava  
Apaziguar em vão, — diziam rindo:  
«Não ha no mundo um exemplar mais lindo:  
Vale um imperio!» — E a aguia agonisava.

Um dia, emfim, o animal valente  
Resistindo aos martyrios, — largamente  
Respirou a amplidão. A aza possante  
Abrir tentou de novo. Aberta estava  
A jaula colossal que a esperava:  
Forçoso era partir. Desde esse instante,

Muda, sombria, a aguia pensativa,  
Solemne martyr, victima captiva,  
Terror dos vis, e symbolo dos bravos,  
Pedi a morte a Deus, — pediu-a anciosa,  
Longo, porém, da cõrte vergonhosa  
D'esse covarde e baixo rei de escravos.

Pedi a morte a Deus, o cataclismo,  
As convulsões electricas do abyssmo,  
As batalhas do ar! Morrer n'um grito  
Vibrante, immenso, heroico, soberano,  
E rolar sobre as ondas do Oceano,  
Como um titão cahido do infinito.

Morrer livre, cercada de victorias,  
Com suas azas — pavilhão de glórias —  
Inundadas da luz que o sol espalha:  
Ter o fundo do mar por catacumba,  
As orações do vento que retumba,  
E as ferventes espumas por mortalha.

Por isso, melancolica, tristonha,  
Como um gigante morbido que sonha,  
Fitava, ás vezes, o revolto Oceano  
Com esse olhar nublado e delirante,  
Com que saudava a Cesar triumphante  
O moribundo gladiador romano

O commandante — urso do mar bondoso —  
Disse um dia ao escravo rancoroso,  
Ao carcereiro estúpido e inelente:  
«Leve-a ao convex. Verá que esse desmaio  
Basta para apagal-o um brando raio  
Do largo sol no rubido oriente.»

Subi então a jaula ao tombadilho:  
Do nato dia o purpurino brilho  
Salpicava de luz o céu nevado...  
E a aguia, elevando a palpebra dormente,  
Abriu as azas ao clarão nascente  
Como as hastes de um leque illuminado.

O mar gemia, lobrego e espumante,  
Agoitando o navio, — além — distante,  
Nas flammejantes bordas do horisonto,  
As matutinas nevoas que ondulavam  
Em suas varias curvas figuravam  
Os largos flancos triumphaes de um monte.

«Abra-lhe a porta da prisão», (ridente  
O commandante disse): «Esta corrente  
Para conter-lhe o vôo é mais que forte:  
Voar! pobre infeliz! causa piedade!  
Dê-lhe um momento de ar e liberdade.  
Unico meio de a salvar da morte.»

Quando a porta se abriu, — como uma tromba,  
Como o invencivel furacão que arromba  
Da tempestade as negras harricadas,  
A aguia lançou por terra o escravo pasmo,  
E, desprendendo um grito de sarcasmo,  
Moveu as azas soltas e espilmadas.

Paiou sobre o navio — immensa e bella —  
Como uma branca, uma isolada véla  
A demandar um livro e novo mundo;  
Crescia o sol nas nuvens refulgentes,  
E como um turbilhão de aguias frementes,  
Zunia o vento na amplidão, — profundo.

Ella lutou, em vão! Nova agonia  
Suffocava-a. O escravo lho estendia  
Os miseráveis e covardes braços;  
Nô o Oceano ao longe scintillava,  
E a rainha do ar, em vão, buscava  
Onde pousar os grandes membros lassos.

Sobre o larco pairou ainda, — e alçando,  
Alçando mais os vãos, e afogando  
Na luz do sol a fronte alvinitente,  
Ebria de espaço, ebria de liberdade,  
Como um astro que cae da immensidade,  
Afundou-se nas ondas de repente.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Das Sonetos e Rimas.

## AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA  
DE BELLAS-ARTES

### PAIZAGEM DA CHARNICA DE BELLAS, AO POR DO SOL

Está aberto um certamen artistico digno a mais d'um respeito da attenção da critica. O publico intelligente tem de certo já tido occasião de visitar a exposição da sociedade promotora de Bellas-Artes, avaliando as excellentes manifestações que d'esta vez nos apresenta a *arte nacional*, a qual d'ora avante podemos deixar de considerar um simples mytho.

O OCCIDENTE enceta hoje a reproducção de alguns dos trabalhos que mais se assignalam na exposição presente, e não é de certo esta a forma menos pratica de successivamente fazendo conhecer aos leitores, a importancia de varias obras d'arte e a somma de aptidão dos nossos artistas.

Depois dos admiraveis retratos de Carolus Duran, um grande mestre da moderna escola franceza que d'esta vez se enfileira ao lado dos artistas nacionaes, os quadros do sr. Silva Porto, que ainda não ha muito concluiu os seus estudos em Paris, constituem o maior incentivo á curiosidade publica, justificando a reputação que o seu auctor soube adquirir nas escolas de França e da Italia.

O sr. Silva Porto, é o que se pode chamar — um artista sério. Dotado d'um estylo largo e firme, inteiramente isempto de convencionalismos, sabe modificar a sua maneira conforme o assumpto que trata. A sua pintura sempre sincera adapta-se perfeitamente á paisagem peninsular; paisagem terrivel em que as relações da perspectiva aerea quasi que contradizem as verdades mathematicas da perspectiva linear.

Com quanto exerça ha pouco menos d'um anno as funcções de professor da paisagem, a sua influencia já se faz sentir não só nos seus discipulos, cujos progressos o publico vae tendo occasião de admirar, mas tambem em alguns dos nossos artistas, como o sr. Malhoa, Pinto, etc.

O publico tem acollido com sympathia os quadros do sr. Porto e entende-os melhor do que era de esperar, o que até certo ponto é um symptoma magnifico para a nova evlução artistica.

O quadro que a nossa gravura hoje reproduz, segundo um desenho do proprio auctor, é notavel pelo sentimento da cor e de verdade local, e bello na sua simplicidade, como outros do sr. Silva Porto que successivamente iremos reproduzindo.

### D. IGNEZ DE CASTRO

Estatueta de Simões de Almeida

Mais d'uma vez temos reproduzido trabalhos do distincto escultor o sr. Simões de Almeida, e mais d'uma vez nos temos occupado da individualidade do talentoso artista.

Na primeira pagina do OCCIDENTE, reproduzimos hoje a sua bella statueta D. Ignez de Castro, tão notavel pelo sentimento que caracteriza esta legendaria e poetica figura d'a nossa historia, como pela correção e pelo rigor dos accessorios, pureza das linhas e interpretação psicologica do personagem.

Esta statueta pertence hoje á sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmella, e não é com certeza das obras que menos honram a nossa arte moderna.

### CABO DE ESPICHEL — SENHORA DO CABO

As festas da Senhora do Cabo são, sem duvida, das mais populares. Em chegando o mez de maio, começam

os cirios a encaminharem-se para aquelle local, senão já com a devoção de outras eras, pelo menos com o regosio proprio das diversões mundanas.

Sobre a origem d'esta festa, conta-se que foi um velho de Alcábidicho e uma mulher de Caparica que descobriram, sobre a rocha do Cabo, uma imagem da Virgem montada em uma mula, e ali lhe erigiram uma capella de alecrim, á falta de melhor material.

Isto succedeu cerca do anno 1400, pois que em 1428 Diogo Mendes de Vasconcellos, que parece ter sido senhorio d'aquelles dominios doou aos dominicanos de Bemfica o sitio do Cabo com a ermida, que se vê na nossa gravura, e que então se denominava capella de Santa Maria da Pedra da Maa.

Pelos annos de 1707 é que foi concluida a egreja e para alli trasladada, da antiga ermida, a imagem da Virgem, com grandes festas em que se gastou 1:600\$000 réis, quantia muito importante para aquella época.

Em 1715 construíram-se as dependencias da egreja ou hospedarias destinadas a alojarem osromeiros que ali vão com os cirios.

O interior do templo é vasto, todo revestido de marmores da serra da Arrabida e adornado com quadros de Lourenço da Cunha, o melhor pintor da epoca em Portugal.

Tem onze altares feitos por diversos festeiros, e todos os reis de Portugal desde D. João I tem enriquecido a Senhora do Cabo com grandes dadivas, que constituem um capital importante, que parece estar hoje muito depreciado, talvez por administrações menos escrupulosas.

Em 1770 mandou o rei D. José I restaurar o templo e n'esse anno o foi visitar por occasião das festas. Foi n'este mesmo anno que mandou construir o deposito ou casa da agua.

Quem quizer saber mais alguns promenores, pode consultar o *Santuário Marianno e o Summario de varia Historia*, onde se encontra mais desenvolvida noticia.

## VIAGENS

DOS REIS.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS  
na Africa Equatorial

### OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

#### III

Uma extensa cordilheira atravessa a Africa de sueste a noroeste, de 19 a 16" de longitude, entre os parallelos 11 e 8. A principio, do Quico até a oeste de Caginga, por 8" de latitude, essa cordilheira é denominada Tala Mogongo; em seguida, ao norte das terras do Bondo, chama-se Catanha, e, ainda continuando para noroeste, já nas terras de Motamba, chama-se Catuca.

D'ahi para o norte, a orographia toma repentinamente um caracter novo. As altas serranias são abruptamente cortadas. O desnivelamento é consideravel, fazendo, n'um pequeno espaço, baixar muito as terras.

Conhece-se ahi que, se chegou á aresta superior d'um dos lados da grande bacía hydrographica do immenso Congo-Zaire.

Em Tala Mogongo, as altitudes são de mais de 1:200 metros; em baixo, nas terras de Ginga, e no Hungo, de 700, 600 e 500 metros, como os exploradores chegaram a determinar.

Tala Mogongo fórma, do Songo Grande ao Songo Pequeno, um longo quadrilatero entre dois grandes rios: a oeste o Cuanza, a leste o Cuango.

É na grande cataracta de Caparanga que, como já vimos, este, salta as penedias do ultimo contraforte das grandes montanhas.

D'ahi para o norte, as margens deixam de ser abruptas, e o rio corre, mais tranquillo, pelas planicies do Chinge e pelas terras do longo e do Holo.

Pouco abaixo do paralelo 8, quando o Cuango já começa a tomar uma direcção mais continua para noroeste, encontra-se a cataracta de Sucu-ia-Moquita, nas terras do Tembo-Aluma-Munene, ou, como querem significar os indigenas, «do grande elephante.»

Este ponto é particularmente importante, e foi visitado por Ivens n'uma excursão especial:

Ahi passa, para os sertões pouco ou nada conhecidos de leste, um trilho commercial muito frequentado. Para oeste, este caminho dirige-se ao logar que os negros chamam N'Hoje, e nós chamamos Enechoe, *Pambo*, ou encruzilhada, interessante, por n'ella se reunirem tres caminhos: um, que corre ao sul, para o Dande; o outro, ao norte, para o Bembe; e o terceiro, entre os dois anteriores, para oeste, até ao Ambriz, na costa.

Como já disse, as terras do Hungo e do Jinga, parecem resultar do desabamento de uma grande parte de Tala Mogongo e Catanha, como se estas montanhas se esbrosassem em massas irregulares, atormentadas e numerosas, dispersas, aos pés da alta serra, por uma grande area.

Nascendo nas vertentes da serra Catanha, o rio Cambo corre pelas terras de Jinga e entra no Cuango, por 7°,45' de latitude sul. O curso d'este rio foi pela primeira vez, proxivamente determinado por Capello e Ivens. Mais ao norte, e vindo da serra Catuca, o rio Hamba vem affluir ao Cambo. É este o rio que passa na corte de Jinga onde está o N'Gola Quiluangue-Quiassamba, hoje rei apenas d'esses territorios, mas descendente dos reis de N'Gola ou Angola, que antes dos portuguezes, e mais effectivamente do que estes dominaram nos territorios do que é hoje, a nossa provincia de Angola.

Para oeste da serra Catuca e das terras altas de Matamba, corre o rio Caoali, grande affluente do Cugho, de que já falei.

É este ultimo rio, que entra no Cuango, por 7°,25' de latitude, o que cerca, por oeste e pelo sul, a interessante região que occupa o logar assignado ao hypothetico lago Aquilonda, até ás terras de Quicongo.

Ahi os lagos são numerosos e occupam quasi todos os valles profundos, entalados entre montes abruptos, de formas arredondadas, como se fossem muitos paens gigantes, justapostos. Estes lagos tem todos agua doce e communicam todos, por meio de pequenos rios, ou com o Cugho, que corre ao sul, ou directamente com o Cuango, que corre a leste.

Nas grandes serranias que deixo descriptas no começo d'este artigo, as florestas cobrem todos os terrenos. Quando porém estes baixam, a grande vegetação concentra-se nos valles profundos, e, nas terras mais altas o capim, que ao sul é gigantesco, é ao norte rasteiro, poucas vezes excedendo meio metro.

É porém n'esses valles profundos que apparecem os *muchitos*, espessos e difficilmente penetraveis, de que já falei, com o *Elais qui néensis*, ou palmeira do oleo, o Denden, a arvore que dá a borracha, a que dá o *Bafo* ou balsamo d'Arceu, e o bordão d'onde se tira o marujo ou malavo, que é o vinho dos sertões.

O ultimo ponto determinado, a distancia, por Capello e Ivens, no curso do Cuango, póde considerar-se como o paralelo 6.", já nas terras de Iaca que d'ali se estendem pela margem direita do Cuango, até ao Zaire, onde Stanley as viu na sua viagem, dando-lhes, com a sua notavel aptidão inteiramente ingleza para estragar nomes, a denominação de Ibaça.

D'aqui para o norte, as terras, já relativamente proximas do grande rio, vão successivamente baixando, para se tornarem, segundo todas as informações colhidas pelos exploradores, em grandes alagamentos, perto da confluencia dos grandes rios que vem do sul, com o Cassai ou com o Zaire.

A reproducção de dois desenhos feitos do natural pelo sr. Ivens permittirá aos leitores fazerem uma ideia exacta dos paizes que, segundo as preciosas informações dos notaveis viajantes eu aqui fôr descrevendo.

(Continúa)

ALBERTO DE CERVAES.

### ERRATAS IMPORTANTES

Pag. 67	col. 1	lin. 85	Quifanjimbo
•	•	•	2 lago Tangonica
•	•	•	15 Sucu-ia-Moquita
•	•	•	20 Muene-Coje
•	•	•	21 Cuango
•	•	•	70 Jinga

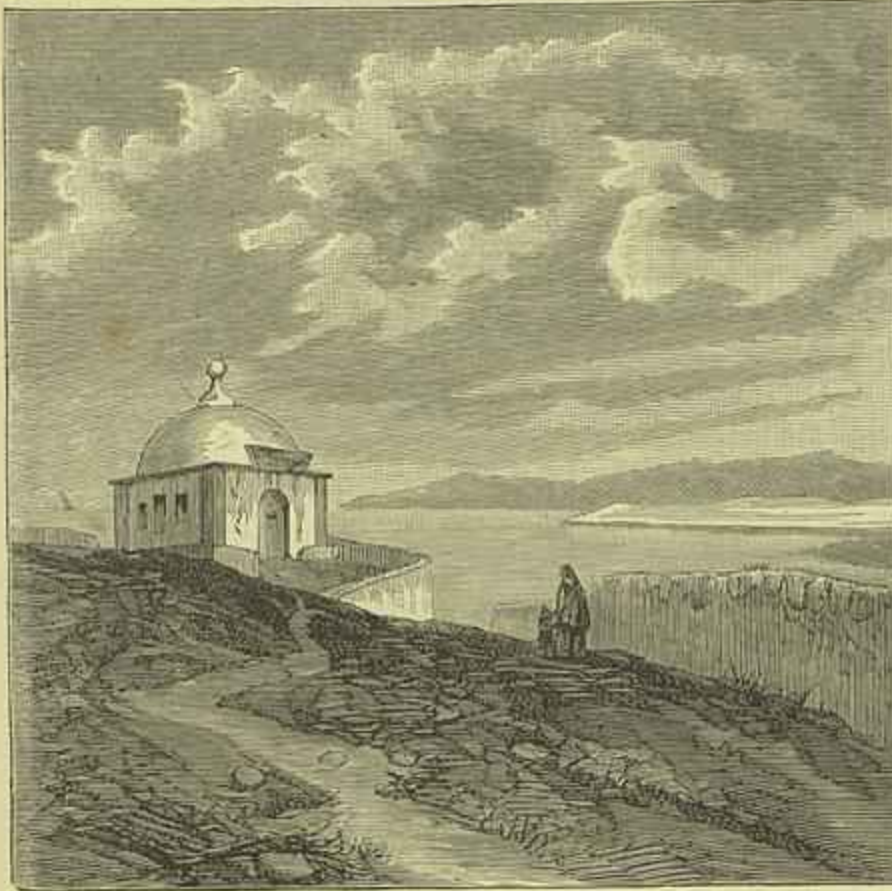
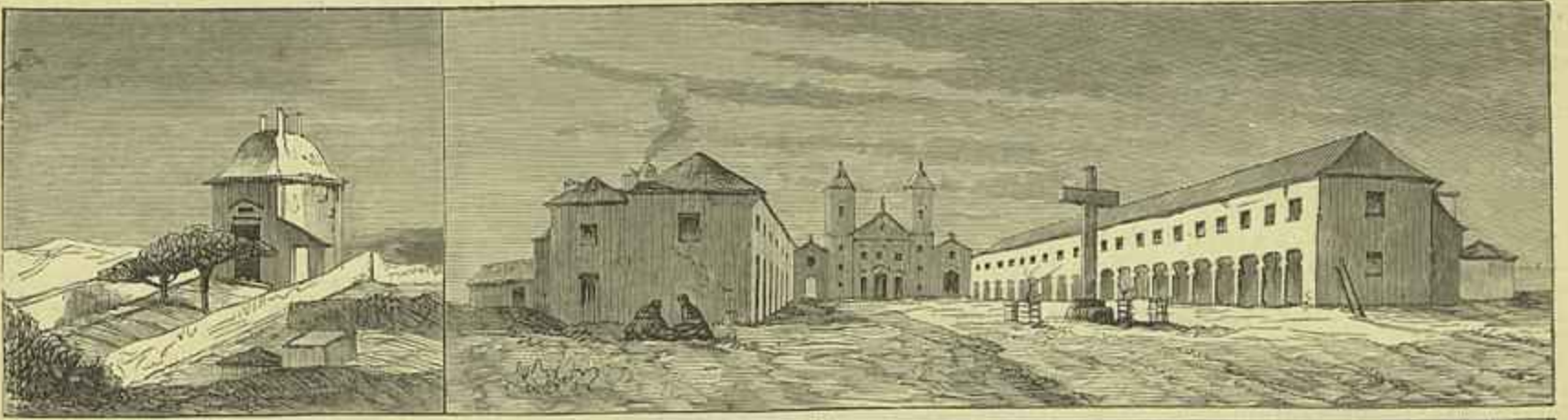
## EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL



PAISAGEM TOMADA NA CHARNECA DE BELLAS, AO PÔR DO SOL — Quadro de Silva Porto, pertencente a Sua Magestade El-Rei D. Fernando

(Desenho do mesmo auctor)

## CABO DE ESPICHEL



ANTIGO DEPOSITO DA AGUA — ENTRADA DO SITIO DO CABO E EGREJA — ANTIGA ERMIDA DO MILAGRE DA SENHORA DO CABO  
INTERIOR DO DEPOSITO DA AGUA E FONTE (desenhos do natural por A. Kell)

## VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



COMO O RIO QUANGO É EM QUIOCO (extrahido do album de viagens dos exploradores Capello e Ivens)

## THACKERAY EM LISBOA

Who shall be the hero of  
this tale? Not I who  
write it. I am but the  
Chorus of the Play.

THACKERAY — *Lovel the Widower*.

No anno de 1844 tocou em Lisboa, de passagem para o Egypto, Guilherme Thackeray. Basta proferir este nome para logo todos se recordarem de um dos principaes entre os melhores escriptores românticos de Inglaterra. Mas quem ha de, sequer, suspeitar, ao percorrer a lista das suas obras, que sob o titulo de *Notas de uma viagem de Cornhill até o Cairo* estão reunidas muitas observações interessantes sobre a sua vinda a esta occidental praia lusitana? Pois é verdade: Thackeray esteve em Lisboa, onde se demorou um dia.

Ignorei por largo espaço que o celebre auctor da *Feira da Vaidade*, arguto e mordacissimo critico dos *Quatro Jorges*, visitára a península hispanica, como antes e depois d'elle fizeram outros conterraneos seus e seus

*brother-poets*. Quando tal soube, fui procurar nas folhas periodicas d'aquelle tempo alguma noticia da sua chegada. Baldado empenho. Era completamente ignorado em Portugal até o nome do primoroso escriptor, cuja graça picante e mui engenhosas ficções foram sempre tão populares em Londres que bem podia elle, ufano da sua grande reputação, dizer como outrora o poeta Marcial:

*Laudat, amat nostros mea Roma libellos:  
Meque sinus omnis, me manus omnis habet.*

O illustre romancista veio a terra, andou por ahí, metteu-se depois n'um carro para ir a Belem, foi jantar a uma hospedaria, e sobre tarde embarcou. Não podia na verdade ser mais curta esta visita, mas tal é a arte dos inglezes para aproveitarem o tempo, cujo valor inestimavel cifraram no bem conhecido mote — *Tempo é dinheiro* — que realmente causa espanto como elle ponde, n'um só dia, ir ver e procurar ver tanta cousa! São das mais originaes que tenho lido as poucas paginas d'esta viagem do Thackeray, que formam uma variada collecção de esboços, um album de *touriste*. Em geral, as suas observações lançadas no papel ao correr da penna, com a precipitação de quem passou aqui sómente algumas horas, surpreendem, como a photographia, a realidade em flagrante: são de uma fidelidade assombrosa. Entretanto algumas ha tão despropositadas que, a meu juizo, nem pôde escusar-as a excentricidade britannica. Elle troca, e não sabe o nome ás cousas, o que faz alguma confusão, mas nada influe para que a apreciação d'ellas seja boa ou má. Tambem diz mal de tudo ou quasi tudo o que viu, e rende muitos louvores ao que não viu. De um passeio onde o levaram depois de ter estado em S. Roque (S. Pedro de Alcantara, como adiante veremos) avista muitas igrejas elevadas, referindo-se, como é de crer, ás que mais dão na vista: S. Vicente de Fóra, a Graça, a Pena, o Monte, a Penha de França. Ao palacio da Ajuda chama das Necessidades, e *vice-versa*. A estatua equestre, para elle, é estatua de D. João. E, finalmente, como todos os inglezes que residem em Portugal, em vez de dizer Terreiro do Paço, diz praça do Cavallo Preto (*the Black Horse's square*). Uma trapalhada!

## II

Thackeray e Edgar Quinet. — A capella de S. Roque.  
— As igrejas de Lisboa. — Architectura dos jesuitas.

Davam nove horas da manhã quando Thackeray veio passear á torreira do sol pelas bellas ruas de Lisboa.

Era no mez de agosto. Afflige-o o calor, sufoca-o a poeira. Então quebrantam as forças e o andar esbofa quando a calma queima as hervas, secca as fontes, e faz emmudecer as aves. Então a mesma vontade se enerva quando o sol rutilante dos fogos da canícula abraza o solo. E quem ia, como elle, passar as columnas de Hercules em direcção ao Cairo não devia talvez receiar muito mais ardores do sol que esbrazeia o morro de Gibraltar e as fronteiras praias do imperio de Marrocos.

A luz muito forte faz tremer a vista, e os edificios pareciam-lhe como que abalar. A idéa de um desarranjo da natureza atravessou-lhe o espirito, e como a sombra de Luiz de Camões acompanhou aqui sempre Edgar Quinet, assim direi que o pesadelo do terramoto, o qual fez descrever Voltaire do seu optimismo, foi inseparavel do nosso viajante. — *I thought it looked so hot and shaky, that one might fancy a return of the fit.* — «Lisboa, diz elle, parecia tão ardente e oscillante que era licito futurar a repetição do terramoto.» Notemos de passagem que esta preocupação não é pouco vulgar nos estrangeiros que tem escripto ácerca de Portugal. Um que esteve aqui, ha annos, fez a seguinte observação: «É pasmoso que se atrevam a dar tamanha elevação ás casas n'uma

cidade que já por tres vezes tem sido destruida inteiramente por tremores de terra, e tão sujeita a estas convulsões que quasi se não passa anno em que os não sinta mais ou menos fortes.»

Ao passo que vae galgando a calçada de S. Roque, por onde a sua digressão começou, com o fim de ver a capella de S. João Baptista, Thackeray ergue a voz contra o costume, ou como elle se exprime, a superstição que ha em toda a parte de correr a admirar as cousas mais notaveis. «Suspiraes debalde para o evitar; — não ha remedio senão ir, embora se saiba que em todas as grandes cidades esses leões<sup>1</sup> rugem da mesma sorte; que as igrejas são mais ou menos espaçosas e esplendidas, os palacios muito grandes, em toda a redondeza da terra; e que mui difficilmente haverá na Europa uma capital em que não se contem uma ou duas pomposas estatuas de algum imperador de cabelleira, nariz de papagaio, e vestuario romano, a meneiar o bastão sobre os flancos amafados da sua besta de bronze.» Sobre este capitulo Thackeray observa que só vio esses magestosos leões velhos em Lisboa, cujo rugido muito ha que não põe medo a ninguém: — *whose roar has long since ceased to frighten one.* — Aqui está mais um testemunho, bem eloquente na sua cruel ironia, de quanto a decadencia de Portugal é vista com bons olhos pelos estrangeiros. Escusado é dizer que somos sempre tratados com esse desprezo, e que nos vingamos em não os ler, primeiro; e, depois, em dizer mal d'elles!

Passemos a diante.

«Fomos primeiramente, diz Thackeray, á igreja de S. Roque para ver uma magnifica peça de mosaico que ali ha; famosa obra de arte que foi comprada não sei por quanto, e por que rei. Apesar de não chegarmos a vê-la, podem todos confiar n'esta informação. Collocada n'uma capella lateral, e vellada aos olhos por grandes cortinas sujas de damasco, aquella preciosidade está sob a guarda de um sacristão. Ora, este sujeito estava ainda recolhido, quando nós lá fomos, e antes de sua merced ter acabado de fazer o seu *tiolette* é claro que não podem correr-se as cortinas.»

Isto é verdade: um viajante mais recente informou tambem a Europa que para alguém entrar na capella é mister pedir licença primeiro ao sacristão, que sempre a dá — observa Olivier Mersou (*Guide du Voyageur à Lisbonne*, 1857, pag. 99.). E porque? Custa dois pintos, diz Thackeray: — *at the price of a dollar.*

E prosegue:

«De maneira que fomos poupados a essa exposição de mosaicos. Eu por mim experimento sempre um desafogo, um allivio, quando tal cousa me succede. Conscio de haver cumprido o meu dever pelo facto de ter ido para admirar o monstruoso animal (*the enormous animal*), se elle não está em casa, — *Virtute mea me etc.*, — fiz tudo quanto em mim cabia: — que mais se pôde exigir de um simples mortal?»

Pouco diz Thackeray das igrejas de Lisboa, mas esse pouco com muito acerto: «As igrejas que vi pertenciam á florida architectura de cabelleira, ao pomposo genero de ornamentação de couve-flor, que era moda no tempo de Luiz XV.» Não pôde ser mais bem definido o estylo rococó!

O falso gosto predominante no reinado de D. João V perpetuou-se, depois do terramoto, n'essas construcções vulgares em que a exaggeração dos ornatos, desviando o pensamento da idéa principal, que fica sem expressão, prejudica o effeito geral, estraga tudo, e faz dos templos uma coisa absurda e ridicula.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Quer dizer cousas que d'lo brado, cousas dignas de ver-se.

<sup>2</sup> Falla no mesmo sentido que deu á palavra — liões.

<sup>3</sup> ... tam villans, tam ridiculas e absurdas construcções publicas como essas quasi todas que ha um seculo se fazem em Portugal. — Garrett, *Viagens na minha terra*, t. II, pag. 24.

... vemos alevantar edificios de negociantes, e igrejas a que impia e ridiculamente se dá o nome de *bonitas*. — *Panorama de 1838*, pag. 275.

Edificios monotonos, bem esquadriados e symmetricos, por dentro muito claros e friamente correctos, são, em todo o rigor da expressão, o que lhes chamou Herculano — *meia duzia de armazens ao divino*: «Vemos igrejas como a da Encarnação e dos Martyres, caídas, pulidas e alindadas, onde não môra um só pensamento de Deus» — diz o *Panorama de 1838*, pag. 275. É por isso que, ao entrarmos uma d'essas igrejas da baixa, cae-nos a alma aos pés, em vez de se exaltar até Deus na oração, na meditação e no extasi, que promana do intimo scismar e do esquecimento, embora passageiro, do que é mundano e terreno, das realidades materiaes da existencia. Falta-lhes o sentimento, a poesia o mysterio, o terrivel *memento da eternidade*, essa encoberta região, da qual nenhum viajante ainda voltou, como diz *Hamlet*:

*The undiscover'd country, from whose bourn  
No traveller returns.*

Admira que Thackeray falle em geral do bonito gosto das igrejas de Lisboa, e, tendo penetrado na de S. Roque, não diga, sequer, uma palavra sobre a architectura peculiar ás igrejas dos jesuitas; architectura acanhada, submissa, nulla, como a vontade dos filhos de Santo Ignacio, inteiramente subordinada, não a Deus, mas ao geral da ordem. Quem poderá dizer o que essa architectura significa? «Não ha alma, não ha genio, não ha espirito n'aquellas massas pesadas, sem elegancia nem simplicidade» — diz Garrett. O que é não sei: — uma coisa duvidosa, equivocada, como os tortuosos meneios dos jesuitas. Por toda a parte a mesma, essa architectura tem, me parece, um vislumbre da universalidade caracteristica dos intuitos da celebre companhia. No nosso Portugal as igrejas de jesuitas que tenho visto foram todas levantadas pelo mesmo plano, com pequenas alterações, no que toca á disposição geral. Ver uma é ver todas: — um mysterio, um enigma, um impenetravel segredo. Era isso a companhia de Jesus.

ALBERTO TELLES.

## DE BUENOS AIRES A PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

— Adios, Tigre, exclamou Gutierrez, ao afastar-se do molhe o elegante vapor em que tomámos passagem para o Rosario. Adios!

— Bisueño testigo de alegrías y sueños juveniles, ajuntou Santiago Estrada.

— Almeida está triste, observou Behety.

— No admira! acudiu Gutierrez, e cantorolou:

Las tiernas hijas del Plata  
Mas frescas son que las flores;  
Sus palabras son amores.  
Dulce halago es su mirar.  
¡Infeliz quien sus virtudes  
Y quien sus gracias no admira!  
¡Mas infeliz quien las mira  
Y las tiene que dejar!

Qual la lumbré que de noche  
La luna esparce en los cielos,  
Nos vierten ellas consuelos  
En las horas de amargor.  
Y si risueño el Destino  
Placeres nos atesora,  
Son como flor que en la aurora  
Nos embriaga con su olor.

Sus bellos ojos alcanzan  
De los amores la palma;  
A traves de ellos el alma  
Se ve cándida brillar.



travessas de madeira do melhor modo possível. A escova *e* communica pelo fio *p* com o polo positivo da machina; o polo negativo *n* communica com as rodas da locomotiva. O carril central communica com o polo positivo de outra machina electrica semelhante á da locomotiva e collocada na primeira estação; o polo negativo d'esta segunda machina communica com os carris sobre os quaes assenta a locomotiva.

Um motor collocado na primeira estação, machina de vapor, machina hydraulica ou outra qualquer, dá movimento á machina dynamo-electrica ali installada, desenvolvendo correntes electricas que são lançadas na machina dynamo-electrica da locomotiva, seguindo pelo carril central *P*,

## VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



CAÇA AO CROCODILO NO GUNENE (Extrahido do album de viagem dos exploradores Capello e Ivens)

escova *e*, polo *p*, percorrendo o fio das bobinas e saindo em *n*, passam nas rodas *r*, e pelos carris *N* voltam á machina da estação da partida; então as correntes fazem girar o eixo da machina dynamo-electrica, que transmite o movimento ás rodas da locomotiva, que assim caminha sobre os carris lateraes arrastando um comboio com algumas carretagens.

Segundo as experiencias feitas em Berlin o trabalho restituído pela machina electrica da locomotiva é 0,60 do trabalho gasto na machina installada na primeira estação.

Vê-se pois que na applicação feita por Siemens, á locomoção sobre um caminho de ferro, a electricidade realisa a transmissão da força a distancia,



A LOCOMOTIVA ELECTRICA DE SIEMENS

transformando o trabalho mechanico de uma machina fixa em uma estação no trabalho da machina installada sobre a locomotiva, a qual assim d'ella recebe movimento, correndo sobre a via ferrea, servindo ásta ao mesmo tempo de circuito ás correntes electricas que realisam o transporte da força.

F. BENEVIDES.

## BIBLIOGRAPHIA

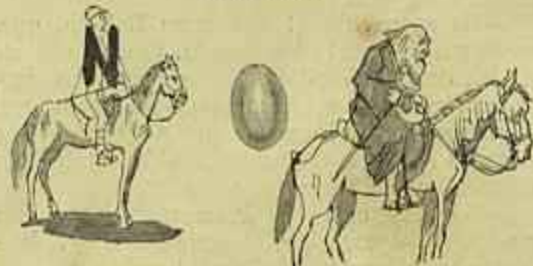
Archivo dos Açores. Com o sexto fasciculo, que ultimamente recebemos ficou completo o primeiro volume d'esta utilissima e importante publicação. Não é ella um florilegio ligeiro, um periodico ameno, mas sim um allceiro seguro aos futuros architectos da historia dos descobrimentos e colonisação portuguezes. Destinado o *Archivo* a illustrar a historia dos Açores, a reunir todê quantos elementos e monumentos seguros e irrefragaveis se possam encontrar para aquelle fim, tem mantido o seu severo programma imperturbavel e serenamente, sem se importar com o desfavor publico, que não tem secundado como merecia uma idéa d'esta natureza.

São já mais de cem os documentos extrahidos da Torre do Tombo e outros archivos publicos impressos pelo *Archivo*, muitos extractos de obras importantes pela maior ineditas que as suas paginas patenteam ao publico, e no pequeno espaço de 600 paginas estão reunidos elementos, que debalde se procurariam n'outra parte, porque varios archivos e bibliothecas estrangeiras tem concorrido para alli. São apenas quinze as pessoas que em Lisboa assignam esta publicação! na Alemanha já é conhecida e procurada.

Quanto pode o esforço e a vontade de um homem a hem da sua terra natal, demonstra-o o *Archivo*? elle é o redactor, o collaborador e colleccionador, o copista, o editor. Reunindo na sua mão tudo quanto pode de variedades patrias não as quer para outro fim senão para brindar com ellas os estudiosos; a sua fazenda, vontade, intelligencia e trabalho estão applicados a este fim e conseguiu um milagre n'uma terra descaoravel de trabalhos sérios e proficuos. Que não desanime no meio do caminho, é o que desejamos e esperamos da dedicacão e coragem do illustre michaelense o sr. Ernesto do Canto, cujo exemplo deve ficar como padrão e incentivo. Honra lhe seja, e oxalá os homens illustrados pagassem cada um obolo igual á sua terra, que as trevas da his-

toria patria estariam já de todo dissipadas. Agradecendo, aguardamos a continuacão d'este importantissimo trabalho, que, estamos certos, não afrouxará de interesse.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:  
Lua nova, lua cheia, premar ás duas e meia.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA  
6 Rua do Thezouro Velho, 6